




---

## O CONCEITO DE LOUCURA NA OBRA “ELOGIO DA LOUCURA” DE ERASMO DE ROTTERDAM

Leonardo Prado Kantorski<sup>1</sup>

Luciane Prado Kantorski<sup>2</sup>

Karen Jeanne Cantarelli<sup>3</sup>

Ticiano Duarte Pedroso<sup>4</sup>

Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro<sup>5</sup>

Uiasser Thomas Franzmann<sup>6</sup>

### Resumo

O presente estudo trata-se de uma reflexão teórica com o objetivo de descrever o conceito de loucura, presente na obra “Elogio da Loucura” de Erasmo de Rotterdam, contextualizado em seu tempo histórico. A loucura, trabalhada no texto como uma personagem presente na sociedade e, em especial, nas atitudes humanas, vai ser a componente base da apresentação das idéias de Erasmo acerca do humanismo renascentista.

**Palavras-chave:** História; Loucura; Humanismo.

### THE CONCEPT OF MADNESS IN “THE PRAISE OF FOLLY”, BY ERASMO OF ROTTERDAM

### Abstract

This study has as aim to discuss the concept of madness presented in “The Praise of Folly” by Erasmo of Rotterdam. It deals about a study of theoretical reflection with a view to identify what

---

<sup>1</sup>Licenciado em História. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista Capes. E-mail: [lkantorski@uol.com.br](mailto:lkantorski@uol.com.br).

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Enfermagem. Apoio CNPq. E-mail: [kantorski@uol.com.br](mailto:kantorski@uol.com.br).

<sup>3</sup> Graduanda do 7º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>4</sup> Bacharel em História. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [ticiano.pedroso@hotmail.com](mailto:ticiano.pedroso@hotmail.com).

<sup>5</sup> Graduando do 7º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica CNPq.

<sup>6</sup> Graduando do 7º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica CNPq.



the author thinks about it, with a look historical-critic from past. The madness, worked in the text as a character presents in the society and, in special, in the human behaviors, is going to be a base constituent of the presentation of the ideas of Erasmo concerning renaissance humanism.

**Keywords:** History; Madness; Humanism.

## EL CONCEPTO DE LOCURA EN “ EI ELOGIO DE LA LOCURA”, DE ERASMO DE ROTTERDAM

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo discutir el concepto de locura en la obra “Elogio de la Locura” de Erasmo de Rotterdam. Se trata de un estudio de reflexión teórica con el objetivo de identificar con una mirada histórico-crítica del pasado, el concepto del autor. La locura, trabajada en el texto como un personaje presente en la sociedad y, en particular, en las actitudes humanas, la cual será el componente de base de la presentación de las ideas de Erasmo sobre el humanismo renacentista.

**Palabras clave:** Historia; Locura; Humanismo.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As contribuições de Erasmo de Rotterdam nos ajudam a pensar sobre os saberes e práticas da sociedade em relação à loucura e em particular contribuem para pensar o trabalho em saúde neste campo do conhecimento. Para descrever o conceito de loucura a partir da obra *Elogio da Loucura*<sup>(1)</sup> de Desiderius Erasmus ou, popularmente conhecido como Erasmo de Rotterdam, primeiramente devemos compreender a trajetória do autor e articulá-la ao período em que viveu.

Erasmo é fruto da relação ilícita entre um padre e uma moça, Erasmo recebeu desde cedo uma forte educação religiosa, estudou em escolas eclesiásticas em Paris e Inglaterra, obtendo, assim, o melhor ensino que poderia ser proporcionado a um jovem em seu tempo. Tornou-se monge, porém logo abandonou a carreira religiosa, dedicando-se exclusivamente aos seus estudos. Nasceu na Holanda, na cidade de Rotterdam, em 1465, tornou-se padre em 1488 pela ordem dos agostinianos, denunciando em suas obras, a vida na igreja como distanciada da fé. Rapidamente ascendeu no campo intelectual e se tornou um dos mais célebres pensadores do Renascimento<sup>(1:134)</sup>. Em um contexto histórico, em que a busca por novos territórios e a política



econômica mercantilista<sup>7</sup> tornou-se objetivo dos estados organizados<sup>(2)</sup> e, no qual a Igreja tem papel de grande destaque na dinâmica social, Rotterdam escreve a obra *Elogio da Loucura*, dedicada a Thomas More. Esta editada pela primeira vez no ano de 1509, em Paris, no latim *Encomium Moriae*, apresentando a loucura como uma deusa que determina as ações humanas, organiza as cidades, mantendo governos, religião<sup>(1)</sup>.

Seu talento despertou admiração por todos os cantos da Europa, proporcionando-lhe boa condição financeira. Erasmo morreu em 1536, “*sem padre nem sacramento*”, na Basiléia onde possuía uma residência de descanso<sup>(1:138)</sup>. Ao longo de sua trajetória escreveu diversas obras e tratados, sobressaindo-se principalmente o *Elogio da Loucura* que, de acordo com Nicolau Sevcenco simbolizou o texto mais expressivo do movimento renascentista<sup>(3)</sup>.

O conceito de loucura nos tempos atuais, ainda, é fruto de uma discussão polêmica, mesmo para os profissionais da área da saúde e apesar de se modificar através do tempo, os diferentes conceitos convivem e seguem orientando compreensões e práticas. Considerando isto, o objetivo deste artigo é descrever seu conceito na obra “O Elogio da Loucura” de Erasmo de Rotterdam (1509), contextualizado em seu tempo histórico. Para isso, serão apontadas as características e dinâmicas sociais abordadas, além dos motivos que o levaram a criticar os aspectos sociais de seu tempo.

## 2. METODOLOGIA

Consiste em uma reflexão teórica centrada no conceito de loucura desenvolvido a partir da obra *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam. Realiza-se a descrição do conceito de loucura a partir desta obra resgatando o contexto histórico na qual foi produzida e as dimensões que o conceito assume na referida época.

## 3. CONTEXTUALIZANDO A OBRA: Erasmo e a Igreja do século XVI

Erasmo de Rotterdam (1469 – 1536)<sup>(1:137-138)</sup> é considerado por muitos o maior intelectual Europeu do século dezesseis devido a suas críticas aos abusos eclesiásticos. Encorajou a urgência por reformas ao apontar para uma época melhor no passado distante, encontrando

---

<sup>7</sup> O mercantilismo consiste num período de transição do feudalismo para o capitalismo, o qual não tem características estritamente feudais ou capitalistas. O mercantilismo engloba uma série de práticas e idéias econômicas que vão se desenvolver na Europa entre o séc. XV e XVIII<sup>(2)</sup>.



expressões tanto na Reforma Protestante quanto na contra-reforma Católica. Foi considerado um dos principais humanistas da Europa em fins da Idade Média e início da Moderna, antes mesmo do grande movimento do monge Martinho Lutero<sup>(1:136)</sup>. Erasmo de Rotterdam soube atacar, com muita astúcia e capacidade, os abusos e as contradições presentes no clero e em toda sociedade de sua época, sugerindo alternativas para uma vida moralmente correta. Em sua obra os comerciantes são vistos no cerne, como a pior espécie e seus valores são questionados: *Os negociantes, sobretudo, são os mais sórdidos e estúpidos atores da vida humana: não há coisa mais vil do que a sua profissão, e, como coroamento da obra, exercem-na da maneira mais porca*<sup>(1:70)</sup>.

Devido à escassez de textos que extrapolem a exaltação à Erasmo e promovam uma reflexão crítica de seus escritos, este artigo demandou consideráveis leituras a respeito do tema da loucura sob o olhar do intelectual. Partimos, então, para a árdua tarefa de encontrar sua conceituação na obra, através de esforços ainda mais minuciosos e críticos.

Em seus escritos destacamos, ao abordar certos costumes sociais, apontamentos do autor aos que desfazem a acumulação de capital e, porém, estão inseridos na mesma dinâmica, referindo-se: *“Os mais ridículos, a meu ver, são os que se horrorizam ao verem dinheiro, como se se tratasse de uma serpente, mas não dispensam o vinho nem as mulheres”*<sup>(1:84)</sup>.

A obra de Rotterdam ajudou a sistematização de características para uma abordagem histórico-crítico do passado, especialmente nos estudos dos padres da Igreja e os aspectos sociais do período. Essa diferente visão, na qual a loucura é o mecanismo norteador das atitudes humanas, confrontara práticas da Igreja, contribuindo à substituição do velho currículo escolástico pela nova ênfase dada aos clássicos pelo humanismo renascentista. Ou seja, ao buscar no passado das sociedades clássicas a abordagem do contexto no qual vivia fez com que a Igreja buscasse atualizar-se.

A Igreja, detentora de grandes poderes é questionada pela loucura devido aos grandes luxos dos bispos e dos padres: *“Gabam-se os veneráveis cardeais de descenderem em linha reta dos apóstolos, mas eu desejaria que filosofassem um pouco sobre os seus hábitos”*<sup>(1:94)</sup>.

A pureza consistia em um ideal no qual viria a dignificar de fato as atitudes dos então representantes de Deus. Esses deveriam viver exemplificando um real comprometimento com aquilo que foi passado por meio do testamento. Segundo o autor: *“A Igreja Cristã foi fundada com*



*sangue, confirmada com sangue, ditada com sangue, como se nunca Jesus Cristo tivesse existido para protegê-la e sustentá-la*”(1:97).

Erasmus mantém suas críticas às guerras e à maneira da Igreja atuar contra os considerados por ela demônios ou hereges, mencionando: *“É verdade que Jesus Cristo mandou que os apóstolos arrajassem uma espada, mas não das que servem de instrumento fatal*”(1:106). Portanto, o autor reprime tais medidas, ou melhor, malefícios promovidos pela Igreja e critica o fato da loucura servir como justificativa para estes atos.

#### **4. ELOGIO DA LOUCURA: o conceito de loucura na obra**

A obra de Erasmus é diferenciada e chama a responsabilidade das ações e impulsos humanos para a deusa grega Moria, ou seja, a energia de criação no cotidiano humano. O autor diz: *“A Loucura tem tantos atrativos para os homens, que, de todos os males, é ela o único que se estima como um bem*”(1:59).

O Elogio da Loucura é um monólogo no qual a deusa Moria, a loucura, apresenta as causas que a tornam a mais cultuada. É, então, uma brincadeira na tentativa de demonstrar sua importância e supremacia sobre os demais, baseando-se nas ações humanas. Conforme Rotterdam, a loucura forma as cidades, os governos, a religião e a própria vida, consistindo em uma espécie de divertimento da mesma<sup>(1)</sup>.

Em Elogio da Loucura, o intelectual ridiculariza não apenas os sacerdotes e os poderosos da Igreja, mas toda a organização de seu tempo. Erasmus retrata com caráter extremamente satírico as aberrações, os contra-sensos e as mazelas presentes nas diversas classes sociais e instituições vigentes.

O autor aborda a realidade européia de forma irônica e, em especial, seus costumes. Relata a ligação entre o sentimento e a ação, usando a loucura como instrumento constante e presente na vida humana. Rotterdam defende a loucura como determinante nos aspectos da vida do homem, descrevendo-a como a deusa que orienta todas as boas ações humanas, inclusive interferindo na religião. Por meio destas reflexões e questionamentos inicia uma discussão sobre o papel da religião e, especificamente, da Igreja Católica na vida do homem. Referindo-se às grandes cortes, Erasmus aponta para os que a mantêm: *“Não há escravidão mais vil, mais repulsiva, mais desprezível do que aquela a que se submete essa ridícula espécie de homens*”(1:92).



O autor, dono de uma grande erudição, se coloca como sábio à medida que demonstra seu conhecimento e expõe suas críticas a camada intelectual da sociedade, por se colocarem além das coisas mundanas. Nada o faria cair em discussões com simples mortais, pois seus conhecimentos se acumularam de forma magnífica e deveriam ser apenas partilhado por aqueles que o detêm. Logo, as disputas restringem-se ao campo religioso. Talvez o intelectual estivesse questionando a validade da sabedoria, visto que o conhecimento não era repassado e as verdades do mundo não eram discutidas. Os sábios de sua época não se detinham à busca de soluções próprias que visassem à melhora da religião e, ao invés, perdiam-se em disputas pessoais, somente contribuindo para o aumento do ego clerical.

Michel Foucault, autor contemporâneo, escreve sobre a loucura em sua obra, *História da Loucura na Idade Clássica*<sup>(4)</sup>, na década de sessenta do século vinte. Embora sejam abordagens distintas sobre a loucura, Foucault discute o fundo crítico do Elogio da loucura. Segundo ele:

*Erasmus reserva aos homens do saber um bom lugar em sua ronda dos loucos: depois os Gramáticos, os Poetas, os Retóricos e os Escritores; depois os Jurisconsultos; em seguida caminham os Filósofos respeitáveis por sua barba e seu manto; finalmente a tropa apressada e inumerável dos Teólogos. Mas se saber é tão importante na loucura não é que esta possa conter os segredos daquele; ela é, pelo contrário, o castigo de uma ciência desregrada e inútil. Se a loucura é a verdade do conhecimento, é porque este é insignificante, e em lugar de dirigir-se ao grande livro da experiência, perde-se na poeira dos livros e nas discussões ociosas; a ciência acaba por desaguar na loucura pelo próprio excesso das falsas ciências*<sup>(4:23)</sup>.

A interpretação de Foucault condiz com o já dito anteriormente: a valorização atribuída ao conhecimento no Renascimento, não contribuía para a melhoria da sociedade, pois as discussões restringiam-se aos escritos do mundo antigo, onde estavam depositadas todas as verdades do mundo. As etapas da vida como a velhice, a infância e outros acontecimentos estavam perdendo o sentido, pois somente prevalecia naquele momento histórico o que havia sido feito no passado clássico.

Difícilmente conseguiremos apontar uma obra na qual, com tanta inteligência e ironia, seja denunciada a pequena qualidade moral e intelectual de grande parte das pessoas tidas como



importantes na esfera social. Pedimos licença ao próprio Erasmo para fazermos esta análise crítica sobre sua escrita, e partimos para uma maior compreensão de suas idéias.

Em o *Elogio da Loucura* Erasmo, baseando-se em conhecimentos da mitologia grega, descreve os sentimentos humanos como parte de uma conveniente atuação da loucura na vida dos príncipes ou dos possuidores de altos cargos europeus, os então privilegiados na sociedade. Ele escreve: *“Não posso deixar de lastimar a sorte dos príncipes. Oh! Como são infelizes! Inacessíveis a verdade, só contam com a amizade dos adutores. Por que será que os príncipes não gostam de prestar ouvidos à verdade?”*<sup>(1:51)</sup>.

Mesmo a Igreja do Século XVI concentrando grande poder, nesta obra o autor dedica suas maiores e mais severas críticas aos membros do clero. Erasmo defende o acontecimento das expressões da loucura humana no meio religioso, enfatizando seus reflexos na aspiração dos homens por riquezas, na preocupação com as necessidades do corpo e na negligência com a própria alma<sup>(1)</sup>.

Erasmo se mostra como um magnífico patrono da vida pautada no amor e na simplicidade, acusando os clérigos de viverem em desacordo com o cristianismo primitivo e com o exemplo de vida simples ensinada pelos apóstolos, relatando, assim:

*A vida dos príncipes e dos fidalgos leva-me, naturalmente, a falar também da dos papas, cardeais e bispos. Faz tanto tempo que essa sagrada gente, com surpreendente emulação, imita os reis e os sátrapas<sup>8</sup>, que não tenho dúvida alguma em dizer que chegou a superá-los*<sup>(1:93)</sup>.

Além disso, o autor denuncia, como outros abusos do clero, a venda de indulgências e de perdões, os quais eram tarifados pelos sacerdotes de acordo com o tempo de permanência de cada alma no purgatório.

Uma hipótese interpretativa consiste em que o autor dirigia-se a leitores já desvinculados dos conceitos universais do catolicismo. Fato justificado devido à grande ruptura, causada pelo Renascimento, das estruturas clericais e às novas concepções surgidas a partir de interpretações dos escritos do mundo clássico<sup>(6)</sup>.

A nova força espiritual mencionada na obra de Rotterdam refere-se à concepção de religiosidade que se desenvolvia no ocidente a partir do contato com o passado clássico. Uma

<sup>8</sup> Governadores e chefes administrativos presentes na antiga Pérsia, este posto foi criado por Dário I<sup>(5)</sup>.



nova interpretação do mundo insurgia. A sua visita à Itália contribuiu para aumentar o seu repúdio frente aos valores estabelecidos. Os mercadores eram vistos pelo autor como a pior classe humana, e talvez não fossem dignos suficientemente de usufruir a cultura clássica. Segundo Jacob Burckhardt: *“A crítica mais severa que se pode externar acerca desse processo é aquela referente a seu caráter não popular, ou seja, à fatal separação entre cultos e incultos que então se estabelece em toda a Europa”*<sup>(6:140)</sup>.

Os homens do Renascimento, principalmente os constituintes da camada mais alta da sociedade, prezavam pelo conhecimento acima de tudo. As classes sociais não eram mais divididas por fortunas acumuladas ou pela tradição familiar, mas sim pelo conhecimento possuído por cada indivíduo. Entretanto, coube aos homens mais abastados o privilégio de serem instruídos em suas residências pelos sábios.

O conceito de loucura para Erasmo poderia ser simplesmente resumido pelas ações realizadas por algo maior que nos move, ou seja, através da manifestação do indivíduo pela paixão. O intelectual rompe o convencionalismo existente com a loucura para desvendar sua outra face e mostrar sua presença em instituições muito importantes na época, como a Igreja, o casamento, reconhecendo além da determinação divina da loucura (concepção dominante na época), uma natureza das paixões própria do ser humano.

De uma maneira geral, a loucura não está ligada ao mundo e as suas formas subterrâneas, mas ao homem com suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões. Todas as revelações cósmicas e obscuras inerentes a ela desaparecem em Erasmo. Portanto, não está mais à espreita do homem pelos quatro cantos do mundo, pois ela se insinua nele. Ou melhor, a loucura é um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo.

A personificação mitológica da loucura é, em Erasmo, apenas um artifício literário do autor<sup>(6)</sup>. Desta forma estaria criticando todo um surgimento racional através de um meio viável aos homens letrados: a leitura, mas fazendo uso do disfarce literário. O autor no princípio da obra faz questão de apresentar a loucura como oriunda do mundo clássico. Rotterdam caracteriza a loucura com um novo conceito distinguindo-a do desarranjo de humores desenvolvido na Idade



---

Antiga e, também, da concepção de consistir em um conjunto de manifestações demoníacas, proveniente da Idade Média<sup>9</sup>.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizarmos esta breve análise documental de *Elogio da Loucura*, e expormos resumidamente sobre seu autor e o contexto no qual a obra foi produzida, concluímos que Erasmo de Rotterdam realmente empenhou esforços para relatar a realidade Européia, destacando, neste contexto, a importância da Loucura, que simbolizava o resultado de todas as ações sociais. O intelectual também alcançou seu propósito, pois os preceitos da Igreja Católica começaram a ser revisados e, seu livro destacou-se pela notória precisidade. A partir deste autor, poderoso em sua escrita e considerado modelo às gerações seguintes de protestantes, o humanismo ganhou fôlego.

Em toda a sua obra, Erasmo tenta denunciar a cultura medieval como algo ultrapassado, enfatizando a necessidade de repensar as atitudes e os valores das instituições vigentes na Europa, como a Igreja Católica. Em o *Elogio da Loucura* o autor diferencia a loucura como um conjunto de manifestações das alegrias, elaborando uma análise interessante das concepções sociais de seu tempo.

Reconhecer a loucura e sua potencial manifestação das paixões humanas consiste em uma importante contribuição de Erasmo de Rotterdam, este conceito permite olharmos para o nosso tempo de outra forma. Ainda hoje nos debatemos entre diferentes conceituações da loucura, cristalizadas através dos tempos ora como manifestação de deuses e/ou como demônios ora como doença, na busca incansável de uma sede, local desencadeados de suas manifestações. Enfim, problematizar hoje a loucura, seus conflitos, inquietações, seus embates com as exigências sociais, consiste em um desafio. Aceitar esta referência pode justificar para o ser humano e para as profissões da área da saúde, nos deparar com os limites, imperfeições e completudes do homem. No entanto, pode ser um bom começo ou um necessário ponto de partida.

---

<sup>9</sup> Ver Isaías Pessotti, *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. Este autor especifica o processo de conceituação da Loucura ao longo da História<sup>(7)</sup>.



---

## 6. REFERÊNCIAS

1. Rotterdam E. Elogio da Loucura. Vol.278. Porto Alegre: L&PM; 2003.
2. Falcon F. Mercantilismo e Transição. São Paulo: Brasiliense; 1990.
3. Sevcenko N. O Renascimento. São Paulo: Atual; 1988.
4. Foucault M. História da Loucura: na Idade clássica. São Paulo: Perspectiva; 2005.
5. Olmstead ATE. History of the Persian Empire. Chicago: University of Chicago; 1948.
6. Burckhardt JC. A cultura do Renascimento na Itália. São Paulo: Cia das letras; 1991.
7. Pessotti I. A loucura e as épocas. Rio de Janeiro: Editora 34; 1993.